

# Curso elementar de estenografia

Na nossa ultima lição, como muito bem devem estar lembrados, transcrevi um anuncio publicado na imprensa portuguesa a demonstrar a importancia da Estenografia. Hoje, por acaso, ao folhear outro jornal deparei com o anuncio seguinte:

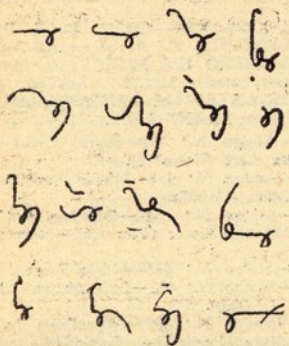
## CORRESPONDENTE

Com muita pratica de Inglês, sabendo também francês e estenografia precisa-se Resposta ao Rossir

De onde se conclui que o conhecimento de linguas e de Estenografia garante um emprego de largo futuro. Eis porque incitamos todos os nossos jovens amigos a continuarem seguindo com a máxima atenção este Curso, enviando os exercícios para correção, expondo duvidas ou dificuldades.

Hoje vamos estudar o som ACO. Facilimo, como não-de ver:

Representação fonética: aco  
ac, ec, ic, oc, uc  
aco, eco, ico, oco, uco, asco, esco, isco, osco, usco  
anco, enco, inco, onco, unco  
arco, erco, irco, orco, urco  
alco, elco, ilco, olco, ulco  
aero, eero, iero, oero, uero  
aico, eico, iico, oico, uico  
aqu, equ, iqu, oqu, uqu  
Exemplos de ligação:



Por Natália da Fonseca

(Da esquerda para a direita: Maca, fosco, toca, palanque, truncado, bloquear, destacar, acordo, liquido, desemboca, entornar, Salamanca, apouca, espancar, enroscar, aclamação).

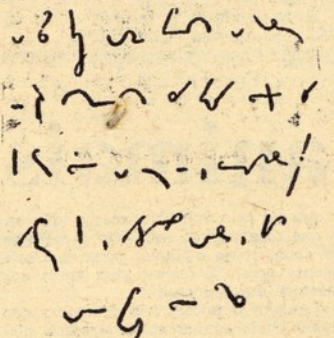
Palavras que os nossos amigos devem estenografar para emprego do som ACO e dos sons anteriormente dados:

Soneca, peneado, circo, franco, soalco, porcaria, enforcam, riqueza, toquiado, enriquece, desenrosca, abocanhar, vaqueiro, caneca, bocado, Páscoa, máquina, traquina, remoque, rebocador, marcação.

E ainda as seguintes frases, cujos sons vão separados para dar uma ajuda...

O/ d inh eiro/ era/ p ouco/ mas/ o/ (i) r mão/ no/ f(i) m/ d(e) cada/ epoca/ trazia/ sempre/ um/ brinco/ para/ nos/ Para/ q(u) em/ só/ podia/ contar/ com/ frascos/ e/ ca(r)inhos/ d(e)/ linhas/ um/ brinco/ do/ era/ u ma/ riqueza/.

E agora a correção do Exercício do JUVENIL n.º 58:



(Tradução: o nosso cliente vai remeter o dinheiro e depois transmitir os seus cumprimentos aos que lhe compram o arroz e a farinha. Espero que a exposição venha a ser bem recebida por todos). Até sábado, amigos. Fico aguardando notícias vossas.

# Assinatura do Juvenil

A semelhança do que fez no ultimo ano, o «Diário de Lisboa» vai criar uma modalidade de assinatura para o SUPLEMENTO JUVENIL. Este regime de assinatura entra em vigor imediatamente e manter-se-á durante os meses de Julho, Agosto e Setembro. Envia-nos, pois, uma carta com os seguintes elementos:

- 1 — Mês ou meses que desejas assinar.
- 2 — Endereço.
- 3 — Dinheiro, selos ou vale do correio. Cada Juvenil — 1 ESCUDO.

Se não queres ficar com a tua colecção incompleta, PEDE UMA ASSINATURA DE FÉRIAS.

## Terceira ficha sobre os Clássicos

Como todos os nossos leitores poderão continuar a observar nesta nossa terceira ficha sobre os clássicos portugueses, muito difficilmente consultariam a maioria dos autores que aqui registamos. Eis o que testemunha a importancia que para eles tem a Colecção «Clássicos Portuguezes» (Trechos Escolhidos) da Livraria Clássica. Queiram registar mais os seguintes volumes desta colecção.

- XIII — «Crisfal», por Cristóvão Falcão.
- XIV — «O Fidalgo Aprendiz», por D. Francisco Manuel de Melo.
- XV — «Cantata de Dido e outros Poemas», por Correia Garção.
- XVI — «Breve Sumário da História de Deus», por Gil Vicente.
- XVII — «Sonetos», de Bocage.
- XVIII — «Poesias Várias», de Bocage.
- XIX — «Romanceiros», por Almeida Garrett.
- XX — «Camões e D. Branca», por Garrett.

Precisamente como convém a quem deseja ser pela primeira vez introduzido no maravilhoso mundo dos clássicos, cada um destes volumes tem como cicerone uma autoridade na matéria. Como também convém, o preço de todos eles é apenas 7\$50.

Todas estas razões nos leyam a recomendar aos nossos jovens leitores a compra gradual da colecção completa.

# NOTAS DE LEITURA

## Carta aos jovens sobre o mistério da vida

Há pessoas que parecem ter nascido numa manhã de sol aberto e toda a vida caminham sobre nuvens, por entre claridade. São felizes, sem contudo trabalharem para isso. A felicidade, para elas, dir-se-ia fazer parte da sua própria existência física. Pelo contrario outras, sem bem saber porque, só têm sombra, sombra, sombra. Tudo o que fazem é negro; o que desejam é ilícito; o que amam é conspurcado.

Teresa é uma destas criaturas. Nasceu para espalhar mal á sua volta, como nasceu para respirar. É criminosa, porque dir-se-ia ser o crime um mal hereditário que tivesse bebidos nos seios maternos. O seu coração cresce intranquillo e insatisfeito. Deseja tudo o que não possui; e quando o consegue, nada jamais tem que desprezo para lhe dar. Nela, o triunfo mata o desejo e a satisfação. Morre de tédio. Viveu, casou, teve uma filha, amou, soufreu e morreu, destruindo. Não porque desejasse fazê-lo, porque os sentimentos vulgares a aborrecem. No dia em que verifica que ama o noivo da filha e que é correspondida, tenta fazer-se aborrecer por ele. Não é por virtude que o faz — a virtude fora o que, precisamente, a tinha enfastiado na vida. Teresa encontra-se agora em pleno apogeu

da vida. Mas naquele ponto em que não se sabe quando acaba o apogeu e começa o declínio. No fundo da lajeira, é o fim que ela tanto recia. E' outra vez a sombra. «O fim da noite» em que sempre tinha vivido. Irá destroçar o coração da filha? Irá alimentar aquele amor — pecado? Irá ceder áquele impulso puramente animal que a atrai e repele ao mesmo tempo? Irá... irá...?

François Mauriac responde á estas e outras interrogações dos leitores maiores de 17 anos. E com mão de mestre o faz. O drama de Teresa desenrola-se de uma forma tão natural, que não podemos condemná-la. Tem uma personalidade tão forte, de tal maneira se impõe que, como acontece com o tribunal, a temos de absolver. E' que o crime, a morte e a vida, o amor e a solidão que provoca, fazem parte da sua insatisfação congénita. E' com a mesma insatisfação tranquila com que traça e retraza a vida, que vê o chegar da noite terrível que recia e defronta corajosamente. De Teresa podemos dizer que... morreu de pé.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

«O FIM DA NOITE» por François Mauriac. Editorial ESTUDIOS COR (Colecção «Latitude», n.º 22).

# intercâmbio juvenil

Amigo n.º 1026 — Maria Teresa Guerreiro Godinho (Aldeia) — A morada do Ruben Santos é: Av. Dr. Bombarda, 92, 3.º, dt.º em Queluz. Podes, pois, escrever-lhe.

Amigo n.º 1058 — Maria Cremilde Ferreira Lopes (Aveiro) — Tem 15 anos, é estudante, e deseja corresponder-se com estudante mais ou menos da sua idade. Quem estiver interessado, deverá pedir-nos a morada.

Amigo n.º 1059 — Maria Fernanda

Ferreira Lopes (Aveiro) — Tudo indica que seja irmã da Maria Cremilde, tem 14 anos e deseja um jovem leitor até 17 anos, para intercambio cultural.

Amigo n.º 1069 — José Manuel Ribeiro Rodrigues (Lisboa) — Tem 14 anos e gostaria de corresponder-se, com uma jovem da mesma idade. Mora na Av. Infante Santo, Lote 26 — 4.º, esq.º.

Amigo n.º 946 — Armando Braga da Cruz (Coimbra) — Tem 16 anos e deseja corresponder-se com uma jovem mais ou menos da sua idade.

Amigo n.º 963 — Alice Pereira (Lisboa) — Quer corresponder-se com a Amiga N.º 984 — Maria Exaltina Gil (Caldas da Rainha).

\* \* \*

da um homem e uma mulher a banharem-se na mesma selha; e no quarto seguinte roncavam os vadios que no balneário tinham passado a noite...

— Porter! — gritou, voltando-se para o amigo. Mas o amigo sorria com olhos tão maganos, maganos que ele baixou os seus, e, rodando para a entrada, saiu num repêlo. Fingia desconhecer que Porter vinha atrás dele e só parou um pouco adiante, debaixo duma janela onde uma cachopa gritou três vezes com voz cantante:

— Vai água!  
— Dê cá quanta tiver! — soluçou Max.

A moçoila desferiu uma jovialíssima gargalhada e despejou a bacia de dejectos sobre a cabeça do pobre. Os gritos deste puseram a rua em alvoroço: de todo o lado accorria gente a engrossar o coro das gargalhadas. Max sentia crescer as suas ganas de cavaleiro andante, soltou o grito de guerra — POR MINHA DAMA, A SEM-PAR BRANCA LIMPEZA PERFUMADA — quando Porter o travou com o braço duro e o arrastou para longe da chacota da multidão. Num sitio deserto explicou-lhe que Carlos V e seu successor haviam prohibido os despejos pela janela que não fosse precedidos três vezes pelo grito «Vai água!». Isto era um progresso!

Depois levou-o a um largoito aonde havia uma fonte — uma das vinte fontes de Paris — e junto da enorme bicha de mulheres que esperavam a sua vez para encher uns diminutos cantarinhos, gritou: — Arredem! Arredem! Tem peste!

Foi um salve-se quem puder. E então, no sossego, Max satisfez a sua ansia de limpeza...

Ao outro dia, já luxuosamente vestidos e instalados em casa de um fidalgo a quem se apresentaram como cavaleiros espanhóis aliados do rei de França, então em luta com os Ingleses (Guerra dos Cem Anos) — foram perguntar ao Preboste que quantidade de água podiam ter por dia. Apesar da recomendação do seu nobre hospedeiro, o Preboste respondeu que não lhes daria mais que uma canada por dia, ou seja um litro e um decilitro, pouco mais ou menos...

Quando voltou da fonte com esta porção de água, Max quase chorava:

— Porter! Meu querido Amigo Porter! Se tem pena de mim, folheei-me da Idade Média!... Já não me importo de voltar ao tempo das cavernas...

(Continua no próximo numero)

Dado o grande entusiasmo que esta nossa iniciativa tem despertado, resolvemos por-nos em ligação com os jovens franceses e ingleses. Em breve, portanto, vos diremos alguma coisa sobre o assunto.

Entretanto queiram notar o seguinte: QUANTO A CORRESPONDÊNCIA COM JOVENS PORTUGUESES: os nossos jovens Amigos devem responder rapidamente aos pedidos de intercambio que publicamos todas as semanas. A familia do Juvenil é uma grande familia. Todos os nossos leitores se devem conhecer, trocar impressões e ideias, discutir o seu jornal, estudar entre si a forma de lhe aumentar cada vez mais o numero dos Amigos.

QUANTO A CORRESPONDÊNCIA COM OS JOVENS ESTRANGEIROS: quando escreverem a qualquer jovem estrangeiro devem dizer que o fazem por intermédio do «DIÁRIO DE LISBOA JUVENIL» e explicar-lhe o que este jornal representa. Devem, além disso, pedir que nos enviem pequenos artigos sobre: a juventude no seu país, os seus problemas, as suas distrações, a literatura juvenil do seu país, costumes e lendas do seu povo, etc. Peçamos-lhes ainda pequenos trabalhos literários, desenhos, etc. TUDO ISSO PUBLICAREMOS!

## A Idade Média varia...

Quer dizer varia de país para país. Nuns durou muito mais tempo do que noutros. Na Russia, por exemplo, os servos de gleba só foram libertados no século XIX! Max o nosso querido amigo Max terá ocasião de constatar isso mesmo.

Agora, é claro, vive cheio de tristeza e de angustia. E de desilusão. Afinal a Idade Média é uma época de inmundície atrás e insuportável. Mal sabe, porém, o pobre amigo que a Idade Média da limpeza durou em Portugal até ao século XIX, até á altura em que a Companhia União Fabril resolveu desencadear a primeira offensiva organizada contra o estercor. A segunda offensiva iniciou-se com o aparecimento da mais moderna expressão de limpeza: o sabão activado C. U. F., que todos os nossos leitores conhecem. Quando será que Max tomará contacto com ele?

Eis o que os futuros folhetins talvez possam explicar...

# ALMA Sã EM CORPO LIMPO

## XVI — UMA CANADA POR DIA

Max, a muito custo, lá conseguiu abrir os olhos; mas o que viu fê-lo supor que sonhava: deixou, pois, cair as pálpebras como duas persianas e disse para consigo: «boa noite, compadre Max, tu o que tens é sono». As orelhas, porém, não se fechavam assim tão facilmente como os olhos e embora de muito longe, muito longe, lá lhe chegavam estas estranhas palavras: — Ele está letárgico — assegurava uma voz de falsete — podes disso estar certos, Sire. Para tal, o melhor remédio já o pratiquei: ateii um bácoro com licença de V. Senhoria aos pés da cama do enfermo.

— Mas agora é altura de saberdes — contava uma voz irónica e pausada que Max supunha conhecer muito bem — que o meu parente foi sangrado porque era apoplético.

— Apoplético! — esgançou-se a primeira voz — Oh! que já mo devíeis azinha ter anunciado! Meus mestres Galião, Rachide e Avicenna ensinaram-me para isso um remédio infalível, a saber: carne de leão, óleo de escorpião e ovos de formiga. Isso mesmo prestes lhe farei tomar e tal decerto não esperáveis da minha competência.

— Não! — reagiu Max com quanta força tinha e já desiludido de que estivesse sonhando. Abriu de novo os olhos e de novo enxergou, como há pouco, não uma paisagem de gente muçulmana, mas, pelo contrario, de gente occidental, duma Europa que imediatamente se denunciava pelo insuportável cheiro que lhe fazia arder as ventas. Apalpou a cabeça, á procura do turbante. Nada. Sentiu comichão no corpo, coçou-se e encontrou qualquer coisa viva debaixo dos dedos: um, dois, vários olhos. Pôs-se de pé, num salto, olhou as mãos sujas, espreitou o peito com placas de estercor e gritou que queria um banho, que queria um banho, que queria um banho...

— Sire! Tal não façais — escandalizou-se a voz de falsete. — O Regimen Salernitanum, que é como quem diz o «Guia da saúde segundo a doutrina da Escola de Salerno» cuja cursel, ordena: «Tende em atenção os meses e as estações. Na Primavera, purgai-vos e sangrai-vos. No Estio ameaça-vos o perigo da bilis vermelha: comei coi-

sas frias e humidas. E NADA, sire, MESMO NADA QUE SEJA DE BANHOS. A sajeza, está em repousar e beber pouco.

— Eu quero que Vossa Mercê vá para o diabo mais a sua sajeza.

## HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DO SABÃO

Amigo Porter, o meu mal é estercor. Já vimos que deixámos Saladino e Ibn al-Nadim e que voltámos outra vez á estrutura feudal. Em que época vivemos agora?

— Na de Carlos VII e de Joana de Arc.

— Nesse caso não avançamos nada desde o tempo de Ricardo Co-

ração de Leão! Mais de dois séculos passados! E eu com estercor de dois séculos! Vamos ao banho, nem que seja de areia!...

O médico ainda quis engrolar umas razões em mau latim; Max,

porém, com um empurrão disparou-á distancia. Em seguida, não se importando com as pragas rogadas pelo «celurgião» de Salerno, insistiu em saber onde tomariam banho. — No Sena será perigoso por causa dos excrementos. Vamos a um balneário.

— Um balneário!!! Você disse balneário? Então o Occidente sempre progrediu alguma coisa, em matéria de limpeza, com as Cruzadas...

— Você verá. Precisamente meia duzia de passos andados encontraram o pregoiro do balneário, que em altos brados anunciava:

— Banhos quentes! Banhos quentes! Banhos quentes! Alviçaras! Se quiserdes um banho de vapor, seu custo é de dois dinheiros, mas também, queridos parisienses, há belo banho quente a quatro dinheiros cada. Como vedes, esta semana o Preboste não escaudou mais os preços, embora os banhos sejam quentes... Banhos! Banhos!

— Caramba! — praguejou Max. — Com tal propaganda a freguesia deve ser muito pouca... O tiozinho, ensine-nos lá o caminho!

O alviçareiro saudou-os com vénias rasgadísimas e, tagarela, sempre tagarela, ensinou-lhes o caminho do balneário. Ruelas fora, Max ia figurando o balneário medieval á imagem e semelhança dos que vira em Roma e Damasco. E sentia-se comovido ao lembrar-se que em breve apagaría as nódoas de estercor que lhe desonravam o corpo. Ah! mas que longa desilusão!... Por uns bons minutos a boca de Max mais parece uma gárgula de Notre Dame. Afinal o balneário é um coio de vadios, boémios e gente de má nota. Não admirava! O banho, na Idade Média, era uma espécie de heresia ou actividade pecaminosa. Por isso só os que á força de tantas peccados consideravam que mais um não fazia mal, tinham a ousadia de frequentar os balneários. Depois vinham moralistas e pregadores — como Frei Ricardo — e fulminavam os banhos publicos! Claro: Max viu logo á entra-

